

Maria Raquel Delgado Martins
Professora Catedrática
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA GESTUAL

Os sistemas gestuais, sejam os de surdos-mudos, de monges e freiras com voto de silêncio ou de algumas tribus índias foram sempre considerados como sistemas simples, conjuntos de gestos correspondentes a elementos da língua oral. Blomfield, em 1933, ainda afirma sobre estas linguagens de gestos que:

"It seems certain that these gesture languages are merely developments of ordinary gestures and (...) based on the conventions of ordinary speech (p.39) (...). deaf and dumb language ..turns out, upon inspection, to be merely derivative of (spoken) language. (p.144)."

Esta citação contém as mais importantes características dos "preconceitos" dos linguístas sobre a língua gestual da comunidade surda. Consideram-na como (1) um conjunto de gestos "ordinários", isto é daqueles que, em geral, acompanham a fala; (2) gestos que mimam a realidade; (3) derivados da linguagem oral; e ainda (4) expressão de comunidades pouco desenvolvidas, um subcódigo da língua. É geralmente associada a índios ou à designação "surdo-mudo" que transporta uma carga negativa de atraso mental associado à surdez. Tal designação reflecte ainda a concepção veiculada ao longo de séculos da mudez como deficiência em si e não como uma consequência da surdez.

Tais preconceitos, para além de afectarem gravemente, da antiguidade até aos nossos dias, a educação das crianças surdas, só se podiam esbater por um estatuto diferente atribuído à linguagem gestual. Foi o que começou a acontecer com os trabalhos do linguísta William Stokoe (1959) que, pela primeira vez, estudou a língua gestual como um sistema linguístico.

Em vez de considerar o signo gestual como um conjunto holístico, de carácter icónico e dependente da língua oral, diz Battison (1992) que Stokoe teve uma ideia "simples", a de que os signos têm partes

e estudou-os como um conjunto de elementos discretos e arbitrários que se combinam para formar unidades gestuais. A essas unidades menores deu o nome de "queremas" (do grego -cher-) que seriam equivalentes aos fonemas da linguagem verbal.

Esta denominação específica mantém-se, mas, por uma questão de facilidade no uso da terminologia e também para por em evidência o carácter linguístico deste sistema, passou-se a adoptar a terminologia da Linguística para o estudo da língua gestual. Por isso, usaremos o termo "fonética", "fonologia" e outros para a língua gestual.

William Stokoe distinguia três categorias de "queremas": o lugar de articulação, a configuração da mão e o movimento. Cada categoria comporta especificações às quais atribuiu uma designação e um símbolo gráfico, o que permitia uma descrição formal dos gestos.

Assim, com outros colaboradores, elaborou o primeiro dicionário de língua gestual (Stokoe, Casterline, Croneberg, 1965) em que, para além das representações por imagem (fotografia ou desenho), apresenta uma "transcrição fonológica".

No entanto, a perspectiva de Stokoe limitava o paralelismo de análise entre a língua gestual e uma língua verbal na medida em que considerava que os parâmetros por ele propostos são executados simultaneamente e não sequencialmente.

Trabalhos linguísticos pós-Stokoe

A investigação linguística sobre língua gestual desenvolveu-se a partir do trabalho de Stokoe e posteriores estudos nomeadamente de Klima e Bellugi (1979) vieram demonstrar definitivamente o estatuto linguístico da língua gestual. Mais recentemente, um estudo neurolinguístico (Poizner, Klima e Bellugi, 1987) mostrou que lesões cerebrais nas áreas da linguagem, em sujeitos surdos utilizadores de língua gestual, apresentam "afasias" de tipologia idênticas às da linguagem verbal. Assim, a língua gestual pode ser considerada como um sistema linguístico com modalidades diferentes da linguagem verbal, de produção manual e de percepção visual, obedecendo quer nos seus processos de aquisição e desenvolvimento, quer na sua estrutura linguística aos requisitos de uma língua.

Estudos posteriores sobre morfologia (Suppala e Newport, 1978) ou sobre fonologia (Newkirk, 1981) levaram a considerar um gesto não como um todo mas como uma sequência de segmentos, introduzindo a

noção de fonema e de silabicidade na língua gestual. Os trabalhos de Wilbur (1982) retomam a noção de uma certa sequencialidade de unidades. Wilbur e Nolen (1984) "definem M (movimento) como o núcleo da sílaba gestual e permitem a execução simultânea de movimento interno da mão como satélite", dando a seguinte descrição formal da sílaba em língua gestual (Fig.1).

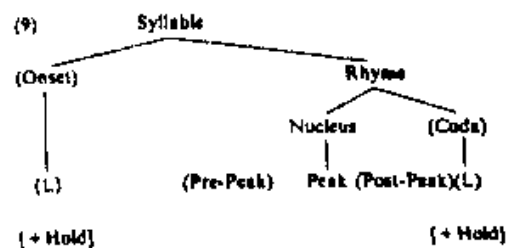


Fig.1- Descrição formal da sílaba (Wilbur e Nolen, 1984).

Teoria de Liddell e Johnson

É contudo com os trabalhos de Liddell e Johnson (1989) que é desenvolvida a noção de traço distintivo, de segmento e adoptada a teoria fonológica autosegmental, sendo assim demonstrada a identidade de processos fonológicos entre a língua verbal e a língua gestual. É este modelo que se apresenta a seguir.

Segundo Liddell e Johnson (1989, p.208): "cada segmento é representado individualmente e cada signo é representado por uma cadeia de segmentos". Os segmentos têm duas componentes essenciais: a postura e a actividade.

1. A postura

A postura refere-se à descrição da mão, à maneira como está configurada, ao lado para onde está virada e pode ser equivalente aos "traços articulatorios" da língua gestual. Estes traços dividem-se em quatro conjuntos de traços que se definem como:

1.1. Configuração da mão : posição dos dedos.

1.2. Ponto de contacto: refere a parte da mão e o ponto em que se dá o contacto da mão.

1.3. "Facing": é outro conjunto de traços que indica qual a posição da mão que "está de frente" para o ponto de contacto.

1.4. Orientação: descreve a orientação da palma da mão.

O essencial para a segmentação dos gestos é determinar os períodos em que há uma posição fixa "hold" ("H"), ou "suspensão", caracterizada por conjuntos de traços articulatorios distintivos e períodos em que há "movement" ("M"), "movimento". Esta distinção entre posições fixas e movimentos corresponde a sequências de elementos básicos comparáveis a vogais e consoantes na linguagem verbal.

"The articulatory features combines to describe postural states. By definition, movement segments are those during which there is a change in state in some complex of articulatory features, and hold segments are those during which no such change occurs. Because they involve a steady state, a single matrix of features will be sufficient to describe holds". (Liddell and Johnson, 1989, 210)

2. A actividade

Dada a definição do movimento, esta partilha da parte final do "hold" anterior e da parte inicial do "hold" seguinte (Fig. 3a). No entanto, o movimento de um estado para o outro é variável: pode ser a direito de uma posição para a outra, pode fazer um arco, ou pode variar de direcção à meio da trajectória. Este facto mostra que o movimento é distintivo e por isso terá de ter um estatuto independente das posições adjacentes. Observa-se a independência dos traços articulatorios dos traços segmentais, daí decorrendo a necessidade de uma representação autosegmental que, segundo os autores, "permite a ligação de um único conjunto de traços de um tipo a outro conjunto único de traços de outro tipo" (1989,213) (Fig.2 a e b).



Fig. 2. Representação autosegmental dos gestos
Liddell e Johnson, 1989.

à direita ou à esquerda; 3) algumas construções obrigam a uma alternância de mão dominante esquerda e direita. Padden e Perlmutter (1984) designaram a mão dominante por "strong hand" e a não dominante por "weak hand". Passaremos, igualmente, a designar as mãos por "forte" e "fraca" e adoptaremos a transcrição fonológica proposta por Liddell e Johnson (1989), (Fig.3).

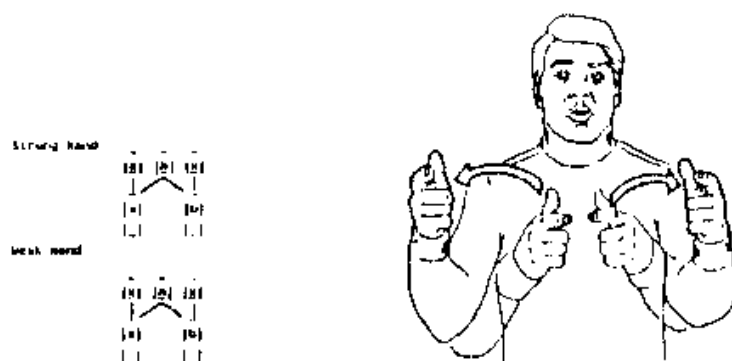


Fig.3- Descrição dos gestos realizados com as duas mãos (Liddell e Johnson, 1989)

Os processos fonológicos

A proposta apresentada por estes autores permite assim uma formalização dos segmentos e a possibilidade de explicar processos fonológicos equivalentes aos das línguas verbais. Assim, apresentam-se os exemplos em Língua Gestual Americana (ASL) dados pelos autores para GOOD IDEA, na forma de base (Fig.4a) para a forma com epêntesis (Fig.4b) e a forma com deleção (Liddell e Johnson, 1990, 140-141).



Fig.4- Processos fonológicos na língua gestual (Liddell e Johnson, 1989)

Estudo fonético e fonológico do Português

Como já foi largamente afirmado (Delgado Martins, 1991), a Língua Gestual Portuguesa (LGP) só começou a ser linguisticamente estudada em 1985, durante um Seminário Livre realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sobre Linguagens Gestuais (Delgado Martins, 1985). Da recolha de uma centena de gestos da LGP realizada por participantes nesse Seminário, foi organizado um texto que introduz a primeira apresentação para o Português das propostas de Stokoe (Prata, 1985).

Desde então, foram feitas algumas intervenções sobretudo no intuito de sensibilizar as instituições escolares para a necessidade do uso da LGP com crianças surdas e também no ensino desta língua a técnicos de Educação, pais e professores. Contudo, essas intervenções não se basearam em estudos linguísticos e delas não resultaram descrições ou sistematizações de aspectos gramaticais da língua.

Recentemente, foi elaborado e publicado por um grupo de trabalho um "dicionário da LGP" ou "Gestuário". Este trabalho apresenta uma descrição escrita e desenhos ilustrando a realização de cerca de mil gestos da LGP. Para além do interesse científico desta obra, representa um passo simbólico enquanto reconhecimento, por parte das entidades oficiais de Educação, da natureza linguística e da possibilidade de investigação sobre a língua. Nesse trabalho não foi ainda possível introduzir uma descrição fonológica de cada signo, mas o material permite fazê-lo, por mostrar as sequências de execução de cada um dos gestos apresentados.

Assim, teremos de ter em conta as configurações básicas apresentadas no Gestuário que constituem elementos de descrição fonética da LGP. Apresentam-se algumas dessas configurações como as da dactilologia, para A e B (gesto representando cada letra do alfabeto) (fig.5).

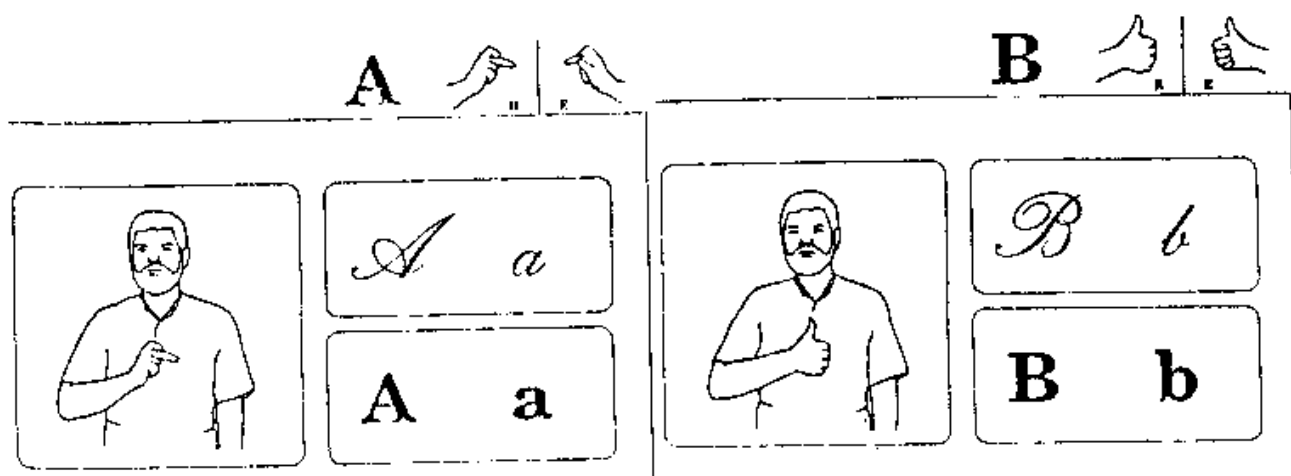


Fig.5- Algumas configurações dactilológicas
(Gestuário, 1991-92)

São também inventoriadas várias configurações básicas que, de resto, são comuns a outras línguas gestuais e que têm designações próprias, "bico de águia", "concha" etc (Fig.6)

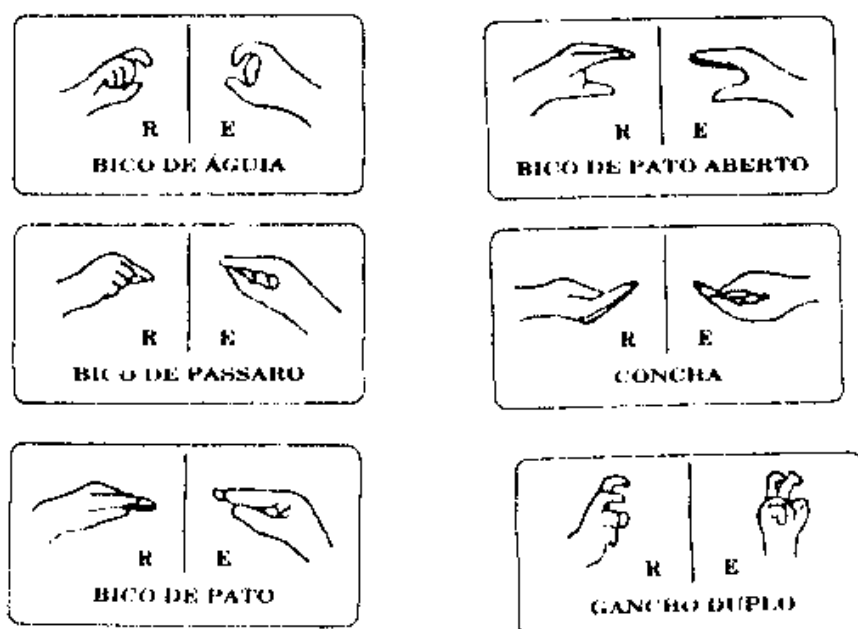


Fig.6- Configurações básicas da mão dominante
(Gestuário, 1991-92)

As descrições apresentadas no Gestuário permitem igualmente uma descrição fonológica de "suspensão" e "movimento" pelas imagens das diferentes fases de realização do gesto assim como grifismo que descreve os movimentos. Na fig.7 apresenta-se um exemplo de uma ficha do Gestuário, para a palavra COR.

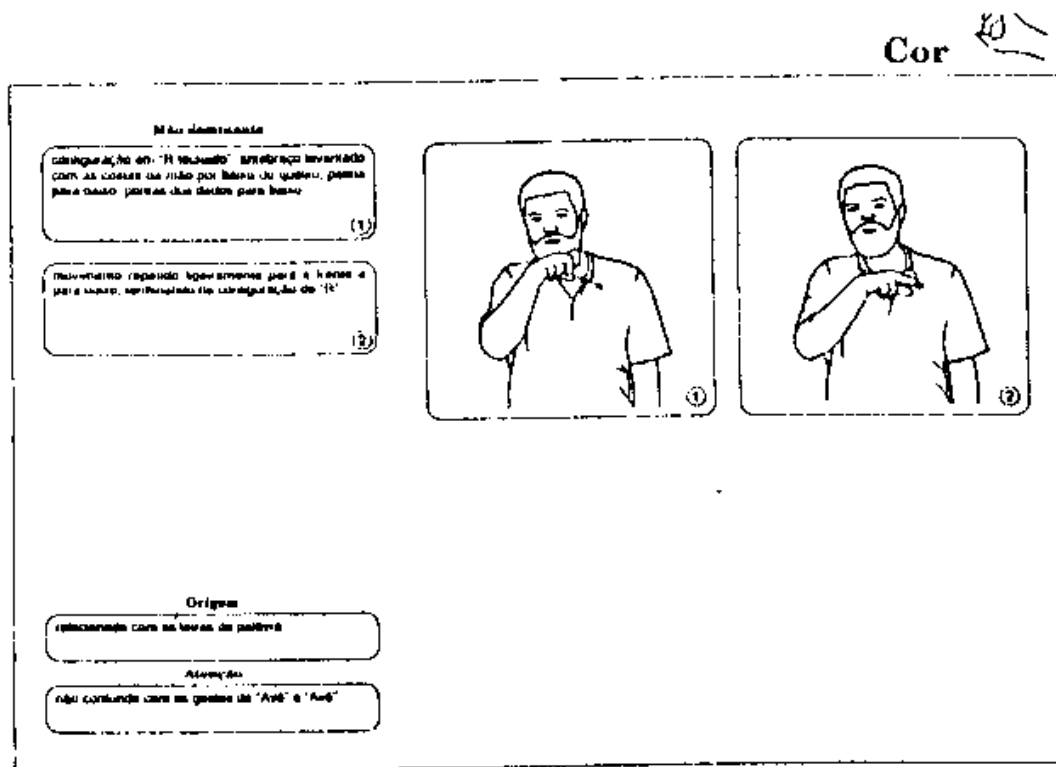


Fig.7- Ficha do gesto COR
(Gestuário, 1991-92)

Fica, assim, apresentado o estado actual do estudo da língua gestual portuguesa, esperando pelos resultados do Projecto de Investigação sobre aspectos gramaticais da língua gestual dos alunos do Instituto Jacob Rodrigues Perreira, da Casa Pia de Lisboa, actualmente em curso.

Bibliografia

- Battison, Robbin (1992) Signs Have Parts: A Simple Idea. Linguistics of American Sign Language. Eds: Clayton Valli and Ceil Lucas, 61-72. Gallaudet University Press. Washington, D.C.
- Bloomfield, L. (1933) Language. Holt, Rhinehart and Winston.
- Delgado Martins, M.R. (1985) Introdução. in Mãos que Falam. Ed. Laboratório de Fonética e Divisão do Ensino Especial (DGEBS). Lisboa.
- Delgado Martins, M.R. (1991) Gestuário - Uma Perspectiva Linguística. Ed. Secretariado Nacional da Reabilitação e Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário. Lisboa.
- Gestuário. Dicionário da Língua Gestual Portuguesa. (1991-1992). Eds. Secretariado Nacional da Reabilitação e Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário (1991,1992). Vol.1/2, 1991, Vol. 3/4, 1992, Lisboa.
- Klima, E. e Bellugi, U.(1979) The Signs of Language. Harvard University Press. Cambridge MA.
- Liddell, Scott, e Johnson, Robert (1989) American Sign Language: The Phonological Base. Sign Language Studies, 64, 195-277, Linstok Press, Silver Spring.
- Newkirk, D. (1981) On the Temporal Segmentation of Movement in American Sign Language. ms. The Salk Institute for Biological Studies, La Jolla, CA.
- Padden C. and Perlmutter, D.(1984) American Sign Language and the Architecture of Phonological Theory. ms.
- Poizner, H. Klima, E. and Bellugi, U. (1987) What the Hands Reveal About the Brain. The MIT Press, Cambridge Ma.
- Prata, I. (1985) Mãos que Falam. Ed. Laboratório de Fonética e Divisão do Ensino Especial (DGEBS). Lisboa.
- Stokoe, W.C. (1959) Sign Language Structure, Linstok Press, 1978.

- Stokoe W. C., Casterline, D.C. e Croneberg, C.G. (1965) A Dictionary of American Sign Language. Linstok Press, Silver Spring.
- Suppala, T. and Newport, E. (1978) How Many Seats in a Chair? The Derivation of Nouns and Verbs In American Sign Language. in Understanding Language Through Sign Language Research. Siple ed., 91-132. New York Academic Press.
- Wilbur, R. (1982) A Multi-tiered Theory of Syllable Structure for American Sign Language. Paper presented at the Annual Meeting, Linguistic Society of America, San Diego, Ca.
- Wilbur, R. and Nolen (1984) The Duration of syllables in American Sign Language.ms. Purdue University.